

Em defesa das árvores

Ted Green e Jill Butler percorrem o mundo para garantir que as árvores velhas são respeitadas como monumentos. O príncipe Carlos está do lado deles

Texto de **João Pedro Barros** Fotografia de **Humberto Almendra**

SE PUDESSE, Ted Green passaria a vida debaixo dos ramos de uma árvore frondosa e milenar. É impossível ficar indiferente à energia juvenil deste inglês de 73 anos, fundador do Ancient Tree Forum, que tem como objectivo espalhar a palavra acerca da necessidade de preservar as árvores velhas, outrora consideradas inúteis e até perigosas. «Elas são o meu discurso. Se estou debaixo de uma árvore e olho para ela, não consigo dizer nada. Nem é preciso», atalha Green, que iniciou esta missão há cerca de 20 anos. Juntamente com Jill Butler, da Woodland Trust (a maior organização não-governamental britânica dedicada à conservação florestal), o investigador percorre o mundo em colóquios e entrevistas, ensinando técnicas de preservação e defendendo a ideia de que uma árvore velha deve ser considerada monumento: «Não são só património, são património vivo. Uma catedral é só pedra, as pinturas na parede foram feitas por uma só pessoa, mas estas árvores, se se acreditar em Deus, foram criadas por Ele. E algumas têm mais de mil anos, são mais velhas do que Portugal ou a Inglaterra. Temos a obrigação moral de olhar por elas».

A primeira visita da dupla a Portugal ocorreu em Outubro, por ocasião das II Jornadas de Arboricultura Árvores Velhas, organizadas pela Sociedade Portuguesa do sector, que incluíram

um percurso pelo país para conhecer alguns dos exemplares mais relevantes da flora nacional. O balanço foi positivo: «Não termos vindo mais cedo foi um grande erro. Foi muito bom ver tantos jovens interessados e a querer fazer algo», contou ao *SOL* Ted Green, particularmente impressionado com aquilo que apelidou de «Portugal profundo». «Vimos velhos que podam árvores e passam as técnicas de geração em geração. Foi como voltar atrás no tempo. Vamos regressar a casa e falar de práticas arborícolas sustentáveis em Portugal».

A bênção da família real

A vida de Ted Green ficou para sempre marcada pela morte do pai, quando ainda era criança: «Em 1942, ele foi parar a um navio japonês de prisioneiros de guerra, que ia de Hong Kong para o Japão. O navio foi torpedeado e os japoneses deixaram os prisioneiros morrer afogados. A minha mãe e eu não sobrevivemos de nada durante quatro anos e meio». Em resultado disso, foi uma criança «nervosa», que só encontrava a paz nas correrias que fazia entre as árvores do parque de Windsor (um dos grandes santuários florestais da Europa, pertença da família real britânica), enquanto faltava à escola. «Tinha montes de doenças contagiosas, por isso não me deixavam ir às aulas», conta.

Os carvalhos de Windsor foram sempre a sua casa e actual-

mente Green é conselheiro de conservação ambiental das propriedades da Rainha. O seu trabalho viria a valer-lhe, em 2003, o reconhecimento como membro da Ordem do Império Britânico, mas não perdeu a humildade: «Posso usar o título para as minhas causas», resume.

A ligação à família real permitiu-lhes encontrar no príncipe Carlos um aliado: «Estivemos com ele algumas vezes, e ele é um apaixonado por árvores. Disse que nos ajudaria a fazer passar a nossa palavra», confirma Jill Butler. «O prínci-

As árvores de Windsor são a sua casa. Hoje é conselheiro da Rainha

pe de Gales serviu-me uma chávena de chá no outro dia [risos]. E depois cumprimentou-me e disse-me que eu já não podia lavar as mãos. Ele tem um grande coração, e penso que ficaria fascinado com algumas das coisas que vimos em Portugal, em termos de agricultura sustentável», acrescenta Green.

O britânico foi ainda reconhecido, há um ano, como uma





Carlos ficaria fascinado com o que vimos cá, em agricultura sustentável

das personalidades mundiais que mais contribuiu para preservar o planeta. O seu nome surge no 93º lugar de uma lista elaborada por um painel de peritos da Agência Ambiental Britânica. Green ficou à frente da comissária europeia Margot Wallström e do Pai Natal, que, mesmo sendo uma personagem ficcional, ficou na centésima posição.

O valor das árvores

O veterano inglês chama ao seu trabalho de sensibilização à escala global *'tree adventure'* (aventura florestal). Os dois investigadores sublinham que a conservação das árvores antigas não é apenas uma questão cultural, mas também científica e económica: **«Quanto mais velha é a árvore, mais importante é como banco genético, porque significa que sobreviveu a uma enorme série de mudanças. Provavelmente, são muito preciosas, mas a Ciência ainda não se apercebeu disso. E, na maior parte dos casos, cuidar delas custa alguns centimos»**, explica Green.

O Ancient Tree Forum procura actualmente fazer um inventário de todas as árvores antigas da Europa, além de tentar convencer os proprietários florestais a tratá-las de forma tradicional, sem fertilizantes ou pesticidas. Mas, apesar de Ted e Jill sentirem que a sua mensagem **«está a ganhar fôlego em todo o mundo»**, o caminho é difícil: **«Temos muita sorte de poder ver estas árvores, mas e as gerações futuras? Precisamos de mudar a legislação e também a mentalidade dos políticos. E vamos conseguir isso através das pessoas comuns»**, defende Jill Butler. □